

## Particularidades do jornalismo policial em Frutal-MG<sup>1</sup>

Rodrigo Daniel Levoti Portari<sup>2</sup>  
Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal, MG

### RESUMO

O jornalismo policial faz parte do cotidiano da mídia noticiosa, no entanto, no município de Frutal-MG, este se faz de forma peculiar: nas duas emissoras de rádio com programas jornalísticos, as notícias policiais são apresentadas e comentadas por policiais militares que estão em plena atividade. Desta forma, o presente estudo propõe uma discussão do jornalismo policial a partir da questão do conflito do ethos jornalístico com o ethos policial e de que maneira esta mistura de atividade (o policial que assume o papel de apresentador/jornalista) reflete na prática jornalística.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo policial, prática jornalística, radiojornalismo, Frutal.

### INTRODUÇÃO

Notícias policiais fazem parte do dia a dia do jornalismo há séculos. Desde o surgimento da chamada *penny press*, na Inglaterra, ainda no século XIX, o noticiário policial já se fazia presente em suas publicações. O mesmo fato também era registrado na França com os chamados *cannards*, e nos EUA com a chamada “imprensa amarela”. Vale aqui ressaltar que nos Estados Unidos, já em 1690, surgiu o *Publick Occurrences*, considerado como primeiro jornal de características sensacionalistas e que focava sua atenção principalmente nas notícias policiais (AMARAL, 2007). No Brasil, tão logo a prensa desembarca com a Família Real, os crimes começam a ganhar espaço nas publicações editadas pela Imprensa Régia. Desta forma, notícias sobre casos policiais passam também a dividir espaço com anúncios de escravos à venda ou foragidos e despachos reais, levando a uma privilegiada parcela de letrados no país as informações sobre algumas das atrocidades ocorridas em especial na capital do Império, àquela época a cidade de Rio de Janeiro.

Seja por meio do relato de assassinatos, roubos, estupros e tantas outras modalidades de crimes, esse é um assunto frequentemente presente no cotidiano de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação. Professor do Curso de Jornalismo da UEMG-Frutal, e-mail: [rodrigo.portari@uemg.br](mailto:rodrigo.portari@uemg.br).

---

quem acompanha as notícias. O leitor/ouvinte/telespectador já está acostumado a acompanhar esse tipo de assunto incluído na pauta dos mais variados temas que compõem a teia jornalística em todos os meios de comunicação: impressos, rádio, TV e Internet.

Em se tratando especificamente do Brasil, Marialva Barbosa destaca que o início do século XX trouxe, ainda no Rio de Janeiro, um crescimento de notícias de cunho policial que foi responsável pelo aumento na venda e tiragem dos jornais e sua consequente popularização na capital.

Crimes hediondos, incêndios retumbantes, catástrofes de todos os tipos e para todos os gostos passam a fazer parte, com destaque, das publicações mais populares que, assim, pelas sensações produziam a sua aproximação com o público. [...] Relatos pormenorizados de crimes violentos que mostravam dualidades eram narrativas privilegiadas. Casos como o de um velho indefeso que foi assassinado brutalmente por criminosos sem coração. Notícias sobre as pequenas infelizes que sofriam maus-tratos dos pais. Violências cotidianas de todas as ordens produzindo um mundo que, por contraponto, era mais infeliz do que as tramas vividas diariamente por muitos dos leitores daqueles periódicos. Havia um mundo do leitor presente naqueles textos. (BARBOSA, 2013, p.199)

Passados quase cem anos, o jornalismo policial continua em alta. Apesar de notarmos algumas mudanças na forma como os relatos são construídos e estruturados, basta acessar qualquer tipo de meio noticioso para identificar que as catástrofes, crimes violentos ou assassinatos continuam cada vez mais presentes no dia a dia da população.

Quando voltamos nosso olhar para cidades interioranas, onde o jornalismo depende basicamente de acontecimentos locais ou regionais para sobreviver, observa-se um privilégio ainda maior sobre os acontecimentos policiais justamente por serem conteúdos que afetam diretamente a vida da comunidade onde aquele órgão noticioso está presente. Este é o caso, por exemplo, do município de Frutal-MG, onde o noticiário policial está efetivamente presente na mídia noticiosa do município, em especial no meio impresso e radiofônico e digital (Internet), com os principais canais de comunicação e informação para os moradores desta cidade privilegiando de sobremaneira os relatos das ocorrências policiais.

Vale ressaltar também que, conforme ARAUJO et.all (2012), nem sempre a mídia frutalense teve como foco principal o jornalismo policial. Estudos acerca da história do jornalismo no município apontam que até os anos 2000 o principal foco das

emissoras de rádio e do jornalismo impresso era a política e os assuntos relacionados à comunidade frutalense, em especial os problemas do cotidiano que, não raro perpassam pelas esferas do poder. Desta forma, as notícias criminais tinham um espaço tímido nas veiculações noticiosas e, quando ocorriam, se deviam principalmente a fatos de grande monta, como fuga do presídio local, assassinatos ou grandes prisões e apreensões de entorpecentes.

Os autores apontam que este deslocamento no interesse principal da mídia teve início a partir dos anos 2000, possivelmente pela busca por mais audiência. Gradativamente os jornais impressos e as emissoras de rádio começam a dedicar cada vez mais espaço para as ocorrências policiais e a política começa a ficar relevada a um segundo plano, bem como assuntos do cotidiano geral do município. Conforme a pesquisa, esta troca na ênfase dos noticiários se estabeleceu definitivamente a partir de meados do ano de 2005, quando as ocorrências policiais passaram a dominar grande parte do conteúdo da imprensa local.

Partindo das constatações dos autores, podemos inferir que o noticiário policial tem se estabelecido como principal responsável pela atração de audiência aos meios de comunicação, o que possa nos dar indícios de como os investimentos da mídia nesse setor tem sido importantes no município.

Desta forma, em 2018 observamos que existem no momento três jornais impressos sediados no município, sendo que apenas o Jornal Pontal (publicação do Grupo Arantes Brito de Comunicação) privilegia em suas edições as notícias policiais em detrimento de qualquer outro assunto ou editoria. As demais publicações, Jornal Correio e Jornal da Cidade, têm ênfase em noticiário político da cidade e de municípios num raio de 50 quilômetros de seu entorno, destacando principalmente a atuação de prefeitos e vereadores em seus municípios.

No que tange ao noticiário radiofônico – principal objeto deste artigo - identificamos, também, que das quatro emissoras de rádio com funcionamento legalizado, duas contam com programas de radiojornalismo, sendo eles o Jornal da 97 (da Rádio Centenário FM – 97,5, empresa do Grupo Arantes Brito de Comunicação) e o Raio-X (da Rádio Natividade FM – 102,9).

Ambos os programas de radiofônicos têm ênfase no noticiário policial, sendo que, curiosamente, as ocorrências contam com a apresentação de um âncora e um policial militar convidado, sendo eles o Cabo Lélis Cardoso (Jornal da 97) e o

---

Sargento Cleuder Nunes (Raio-X). Assim, além de privilegiarem os crimes diariamente registrados nas ocorrências policiais, os próprios agentes de segurança pública se tornam também atores midiáticos ao apresentar e comentar os acontecimentos.

O fato dos dois principais programas jornalísticos do município privilegiarem o noticiário policial – cada um deles dedica entre 40 e 60 minutos diários para noticiário policial, já seria suficiente para despertar nossa atenção. Diante de tantos assuntos que ocorrem no cotidiano do município, muitos deles envolvendo poderes políticos, causas de cidadania ou mesmo movimentos de solidariedade, é nas ocorrências policiais que estes programas concentram maior parte de seus esforços, mesmo em dias em que não há grandes fatos a serem narrados. Assim, quando não ocorrem catástrofes como homicídios, acidentes com vítimas fatais ou mesmo estupros ou sequestros, notícias que passariam facilmente despercebidas da mídia noticiosa (furto de bicicleta, furto de botijão de gás, queda de motociclista, por exemplo), passam a receber destaque na programação. Este tipo de procedimento – o de ampliar fatos pequenos para grande destaques, mesmo que não provoquem grandes impactos na sociedade – é típico do chamado jornalismo sensacionalista, o que nos aponta indícios dessa prática também no noticiário radiofônico das emissoras 102,9 e 97,5.

Não bastasse essa predileção pelo noticiário policial, outro fato desponta dessa situação: em ambas as emissoras os crimes noticiados são apresentados – e muitas vezes comentados – por policiais militares que assumem o papel de apresentadores convidados dos programas. Trata-se do Cabo PM Lélcio Lisses Cardoso (que nos horários de folga encarna um personagem chamado Crocodilo), e o Sargento PM Cleuder Nunes (que por anos chefiou as equipes de inteligência da Polícia Militar de Frutal-MG).

Ao entrarem no ar eles assumem um duplo papel: o de policial que domina o *status quo* da atividade de combate ao crime e registro de ocorrências e, ao mesmo tempo, exerce o papel de mediador da notícia que, em tese, deveria ser feito pelos jornalistas/apresentadores. Esse deslocamento do papel destes atores, somado à ação das emissoras em disponibilizar este espaço para dar voz aos militares durante sua programação jornalística, já nos permite levantar questionamentos sobre o possível conflito gerado na representação que estes sujeitos assumem diante desta situação: a do agente de combate ao crime e a do mediador desta informação em pleno programa jornalístico assumindo o papel de apresentador, não o papel de fonte. Vale ressaltar que

em nível nacional, emissoras como a Rede Globo utilizam de ex-policiais como comentaristas de segurança, como o caso do ex-capitão do BOPE, Rodrigo Pimentel, que deu origem ao personagem Capitão Nascimento, do filme Tropa de Elite. No entanto, a peculiaridade em Frutal se dá a partir do momento em que o próprio policial se torna apresentador do noticiário durante boa parte dos programas jornalísticos, e não um mero comentarista.

A inquietude gerada por esta situação nos permite discutir acerca do possível conflito entre o duplo papel destes profissionais, o que também nos coloca diante de outra questão que se dá acerca dos rumos assumidos pelo jornalismo no interior. É a partir desta perspectiva que desenha-se a proposta deste trabalho. Para isso, acompanhamos durante uma semana os programas a fim de podermos tecer as análises aqui propostas.

## **2. A prática jornalística e a prática policial**

A prática jornalística há muito vem sendo discutida. No século XXI, em especial, cada vez mais se fala na crise da imprensa e da profissão e, no Brasil, após a queda da obrigatoriedade do diploma de ensino superior em Jornalismo para o exercício da profissão, essa crise se acentuou sob duas perspectivas: a primeira pelo fato de que qualquer pessoa pode exercer o papel de jornalista mesmo sem qualquer tipo de conhecimento teórico ou prático. Basta estar presente na mídia noticiosa e cumprir alguns pré-requisitos básicos para se conseguir um certificado de registro profissional no país.

Em outra perspectiva, a crise do jornalismo reflete diretamente também na sua prática, missão, visão, valores e dimensões sociais esperadas e associadas à profissão de jornalista. O grande fluxo de informações em tempo real, somado à ampla concorrência e aos interesses políticos, ideológicos ou econômicos que residem por detrás das grandes empresas também tem suscitada outra crise que cerca a profissão como um todo. Coloca-se em questão também qual é a finalidade do jornalismo. Assim, se debatemos o *ethos* jornalístico, também lidamos diretamente com a indagação: para quê serve o jornalismo?

Essa é a pergunta central da pesquisa de doutorado de Gisele Dotto Reginato, intitulada “As finalidades do jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores”, defendida junto ao PPG-COM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

(UFRGS). Em sua pesquisa, a autora analisa a questão da finalidade do jornalismo por três vertentes que integram o contrato comunicacional: o do meio, o do profissional e o do leitor. Mas, antes disso, elenca o que dizem as teorias (e teóricos) sobre a questão, tendo como resposta as seguintes finalidades relacionadas em ordem alfabética a partir da leitura de pesquisadores do assunto: ajudar o homem a entender e viver em sua época; contextualizar e organizar a informação; contribuir com a democracia; criar para o leitor experiências de satisfação estética que o ajudem a interpretar a própria vida; defender o cidadão; divertir; estimular o engajamento e mobilizar a participação cívica na vida pública; formar a opinião pública; informar; instruir, orientar e educar; interpretar; investigar; manter a sociedade unida e integrada; mediar; mostrar a diversidade da sociedade; reforçar a cidadania; selecionar temas significativos; ser a memória da sociedade; trazer a verdade; verificar e apurar; vigiar governo e os serviços públicos e denunciar os abusos de poder. (REGINATO, 2016, p.60-61)

A partir deste quadro, a autora prosseguiu com análise de discurso dos atores elencados no contrato de comunicação, chegando ao seguinte resultado:

A tese revela que veículos, jornalistas e leitores percebem como principais as mesmas três finalidades do jornalismo: **esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade; fiscalizar o poder e fortalecer a democracia; informar**. Sendo esse o discurso produzido pelos principais sujeitos envolvidos no contrato de comunicação jornalístico, vemos que há um imaginário bastante consolidado sobre o que esperar do jornalismo na sociedade. Os discursos que mapeei estão públicos, ajudando a retroalimentar esse imaginário cotidianamente. (REGINATO, 2016, p.204. grifos da autora).

A autora, no entanto, acrescenta que apesar dessa uniformidade de “percepção” das principais finalidades do jornalismo, existem divergências de percepção no que tange a finalidades como verificar a veracidade de informações ou selecionar o que é relevante. No entanto, o resultado nos indica um caminho interessante de reflexão no que tange ao conjunto de valores que permeiam a profissão.

Espera-se do jornalista que este atue para esclarecer a sociedade, informar e fiscalize o poder. Para isso, é preciso do profissional isenção em relação a diversas situações, como, por exemplo, ao investigar denúncias de abuso de poder por parte de policiais militares ou denunciar atos de corrupção presentes nos governos. Desta forma, compete ao profissional manter o distanciamento correto da situação para poder

---

esclarecer melhor à sociedade e contribuir com seu crescimento. Valores como este são comumente discutidos em salas de aula das universidades, mas que, na prática, como observa Gaye Tuchman, não se concretizam na prática profissional.

Gaye Tuchman (1978) mostrou que os jornalistas usam esquemas classificatórios de forma a reduzir a contingência intrínseca ao trabalho noticioso, transformando ocorrências idiossincráticas verificadas no dia-a-dia em materiais que podem facilmente processados e divulgados. Assim, gera-se uma espécie de cristalização da experiência que assegura celeridade e eficácia ao desempenho profissional. Analisando a linguagem jornalística, detecta-se um conjunto de procedimentos, fórmulas discursivas, técnicas narrativas e descritivas que se repetem, parecendo, de certo modo, ser os acontecimentos que aderem a fórmulas narrativas pré-existentes e não o inverso. (CORREIA, 2009)

Com “fórmulas” precisas que adequam qualquer acontecimento à narrativa pré-existente, o jornalista deixa de exercer alguns dos papéis esperados de sua profissão, como a de esclarecer o cidadão ou mesmo interpretar a realidade para quem acessa seus conteúdos. O que se esperar quando o papel do jornalista é assumido por um policial militar da ativa, responsável por atender e registrar ocorrências durante o dia e também de apresentar os fatos enquanto notícias durante um programa jornalístico?

Ao voltarmos nosso olhar para o conjunto de valores presentes desta outra profissão, a de policial militar, encontramos na dissertação de mestrado intitulada “*Ethos policial militar: entre as estruturas da PM e a ação de seus agentes*”, de José Lenho Silva Diógenes, algumas respostas que nos permitem compreender melhor como se dá a construção de valores dos profissionais que atuam nesta área. O autor da dissertação aponta haver uma distinção entre o *ethos* policial não militarizado, que seria o de uso mínimo da força, com o *ethos* policial militar, que é o policial que atua sob a cultura do Exército, caracterizado como um *ethos* de uso de força máxima. “*Entre o ethos do uso da força mínima e o do uso da força máxima está o ethos das polícias militarizadas, que surgiu da fusão do ethos da polícia com o ethos militar*”. (DIOGENES, 2009, p.42)

Ao citar Brodeur, o autor da pesquisa aponta que a sociedade, por agir de forma mais punitiva, provoca um deslocamento do *ethos* favorável ao uso da força máxima, resultando em ações policiais muitas vezes com maior emprego de violência, levando a sérias consequências para a sociedade.

...expressão *ethos* policial militar faz referência aos valores, modos de comportamento comum, hábitos, tendências e convicções que fazem parte da essência da instituição policial militar, e que, muitas vezes, sem serem tematizados, influenciam o comportamento do grupo. Igualmente, a expressão contempla a concepção de traços típicos que conformam o caráter da instituição PM: a forma como se tem gestado no processo sócio-histórico suas práticas policiais e a maneira de conceber seus fins, os quais fazem do grupo da PM o que ele é. Já que, são essas práticas e fins que vão conformando os modos típicos de comportamento dos indivíduos policiais militares nas suas interações com o público. (DIOGENES, 2009, p.44)

É importante destacar que as constatações do pesquisador não são normativas que estabelecem o comportamento de todos os policiais militares, já que o modo de ação depende efetivamente de características subjetivas desses profissionais, seja em ações individuais ou em ações em grupo. Assim, Diógenes aponta que tanto elementos do *ethos* da força mínima como do *ethos* da força máxima parecem mesclados nas ações das polícias militar, variando de caso a caso.

No entanto, podemos observar que via de regra o comportamento esperado dos policiais militares é aquele que tenta mediar e resolver conflitos mesmo que, para isso, precise utilizar força máxima de ação (armas, cassetetes, sprays de pimenta e outros artefatos). Se por um lado, como observado no início deste tópico, espera-se do jornalista aquele que vai agir em favor de esclarecer a sociedade e torna-la mais justa, por outro, o policial militar é aquele que vai garantir que a sociedade possa ficar tranquila, mesmo que para isso ele tenha que lançar mão de todo seu preparo e artefato militar disponível.

Esses dois conjuntos de valores encontram-se reunidos no jornalismo policial de Frutal e, por consequência, fazem parte do dia a dia do ouvinte dos programas de radiojornalismo. Passemos, então, a uma apresentação sucinta sobre o jornalismo policial no rádio no município de Frutal para, em seguida, passarmos à análise de como esses profissionais se projetam no discurso, ou seja, como o *ethos* discursivo de jornalistas e policiais militares se manifesta na programação e como os valores profissionais são apresentados por meio da projeção discursiva durante a programação.

#### **4. O Jornalismo Policial no rádio em Frutal-MG**



---

Por muito tempo o Jornalismo Policial foi considerado um “gênero menor” do jornalismo, por se tratar do ramo do jornalismo que concentra reportagens que exploram – na maioria das vezes – a degradação humana. Porém, todo e qualquer órgão de imprensa que se preze abre espaço para noticiário policial, desde as grandes redes de comunicação até aos pequenos jornais interioranos. Assim, o interesse pelo assunto não deixa de existir, apesar do certo preconceito existente por detrás deste gênero.

Claro que existem mais razões para o crescente aumento da cobertura policial e todas elas somadas geram, talvez, o principal motivo para os meios de comunicação dedicarem cada vez mais espaço ao noticiário criminal: o interesse pelo assunto de grande parte dos leitores, telespectadores, ouvintes e internautas. Apesar disso, são poucos os programas de rádio ou TV exclusivamente policiais. Também são raros os jornais ou revistas específicos desse segmento. E boa quantidade dos impressos, embora dedique diariamente parte de suas páginas à divulgação de crimes, prefere não possuir uma Editoria de Polícia. (FUCCIA, 2008, p.15)

As constatações do autor são válidas e, apesar de detectarmos que a imprensa frutalense, objeto do presente projeto, privilegiar o jornalismo policial, há de se notar a existência de outros conteúdos em suas veiculações como notícias de esportes, política, cotidiano e variedades. No entanto, a ênfase e o espaço privilegiado dedicado ao noticiário criminal não pode ser ignorado.

Também é necessário observarmos que o noticiário policial surge principalmente a partir dos *fait divers*, ou seja, fatos do cotidiano que remontam a um rompimento da normalidade. Nesse sentido, vários autores ponderam sobre a estrutura do *fait divers*, como Michel Maffesoli, Edgar Morin, Jean Baudrillard e Roland Barthes.

Este último apresentou avanços conceituais importantes para que possamos entender como se estruturam o noticiário policial a partir dessa noção de ruptura da normalidade do cotidiano. Para isso, dividiu a categoria em dois gêneros: os *Fait Divers* de Causalidade (subdividido em causa perturbada e causa esperada) e os de Coincidência (subdividido em Repetição e Antítese). A repetição é um dos pontos que podemos destacar no noticiário policial, já que roubos, furtos, homicídio, entre tantas outras formas de criminalidade não cessam. Assim, “a coincidência despe o homem de sua responsabilidade histórica. Conforta-lhe com a irresponsabilidade, desculpando as suas próprias culpas. [...] É a garantia de transferir a responsabilidade, para uma noção de Fatalidade”. (RAMOS, 2012, p.47).

---

MATHEUS (2011) aponta que o jornalismo policial também contribui para a construção de uma narrativa do medo, já que suas notícias trazem na essência a sensação de desordem, provocando temor na população. *“Esse temor surge tanto como protagonista em reportagens especiais, quanto disperso em expressões que envolvem menores de rua, traficantes, tiroteios e balas perdidas, brigas entre camelôs e guardas municipais, manifestantes que queimam ônibus, entre outros. Isto é, o medo midiático é construído em torno de determinados personagens urbanos”*. (Idem, p.67-68)

No caso dos programas Raio-X e Jorna da 97, é facilmente perceptível o fato de que dedicam boa parte de seus 90 minutos diários de programação às notícias sobre crimes. Como destacado na Introdução, quando os repórteres não encontram grandes acontecimentos, fatos menores assumem o papel de destaque na programação, mesmo que se trate de crimes “comuns” no meio policial, como furtos ou quedas de motocicleta. É o reforço da narrativa do medo presente no noticiário local.

A estrutura dos programas jornalísticos é muito semelhante, podendo ser resumidas assim:

- 1) Abertura do Programa (manchetes do dia) – 2 minutos;
- 2) Giro Policial (Jornal da 97) / Plantão Policial (Raio-X) – 40 a 60 minutos;
- 3) Notícias locais/regionais (política, cotidiano, etc) – 20 minutos;
- 4) Notícias do Esporte – 5 minutos
- 5) Utilidade Pública – 2 minutos
- 6) Mensagem do Dia – 3 minutos;

Pela apresentação resumida do esqueleto dos programas jornalísticos percebe-se que, de “gênero menor”, o Jornalismo Policial passa a ser o carro chefe das emissoras, ocupando dois terços da programação jornalística diária que vai ao ar entre onze da manhã até ao meio dia e meia. As emissoras privilegiam estas notícias possivelmente por conta da audiência, já que é nesse bloco de notícias onde encontramos também o maior volume de anúncios comerciais.

Apresentados sinteticamente em suas estruturas, passamos às análises dos programas que foram gravados pelo autor no período já mencionado anteriormente.

## **Discussão de resultados**

De segunda à sábado, entre 11 da manhã e 1 da tarde, os frutalenses acompanham os programas Raio-X e Jornal da 97. Ambos, veiculados no mesmo horário, contam com extensa cobertura policial, conforme destacamos anteriormente. Como objeto de análise, acompanhamos uma semana de programação das duas emissoras e recortamos algumas das notícias que são apresentadas pelos policiais Sargento Cleuder Nunes e Cabo Lélío.

Os policiais/apresentadores elaboraram bordões que repetem diariamente durante a programação. Cabo Lélío inicia sua participação no Jornal da 97 dizendo “Benção Mãe”, além de que, durante a programação manda “bênçãos” para ouvintes que enviam mensagens via WhatsApp para a redação do programa. Esse bordão ainda é utilizado para chamar a atenção de pessoas que cometem crimes na cidade, como no dia 29 de janeiro de 2018, quando um ouvinte reclamou de que um vizinho estaria provocando perturbação de sossego com som alto toda noite. Nessa ocasião, o policial/apresentador diz: *“Vamos mandar um benção mãe lá para o morador da rua Planura que todo dia coloca o som alto e não deixa ninguém dormir. Quem é, sabe. Então, fica aí nosso benção. Vamos evitar a viatura ter que ir aí deslocar para resolver esse probleminha”*.

Este tipo de posicionamento é assumido diversas vezes durante a programação, onde há um encontro entre o *ethos* jornalístico – aquele que tem como função de informar e fiscalizar – com o *ethos* policial, cujo profissional se dedica ao combate à criminalidade em geral. Ao fazer o comentário da reclamação do ouvinte é inevitável que a associação direta com a profissão de policial militar aconteça, havendo um deslocamento neste momento entre o papel assumido como apresentador midiático com o papel desempenhado nas ruas.

Em outro momento da programação, cabo Lélío passa a relatar ocorrências registradas na noite anterior. Vejamos um dos exemplos:

*“Posse ilegal de munição em Frutal. No dia 27 de janeiro, por volta das 21h20, a polícia militar, durante pa-tru-lha-ment-to, na praça Leda Campos Borges, mais conhecido como Parque dos Lagos, realizou abordagem em três menores, sendo encontrado no bolso direito de um dos menores de 15 anos uma munição intacta de arma de fogo, calibre 38. Foi dada voz de apreensão ao menor infrator pela posse de munição de arma de fogo. Os três foram conduzidos à Delegacia. Registrou o B.O a equipe do GEPMOR”*.

O relato adaptado do que é escrito na ocorrência policial demonstra algumas características interessantes. Cabo Lélío assume a voz do apresentador mas, em sua projeção de discurso, também está toda a caracterização do policial militar, inclusive, com o uso de expressões e ênfases (no caso, na palavra patrulhamento) dadas durante a pequena notícia de giro policial daquela data. Esse tipo de narração por parte do apresentador/policial é verificado por diversas vezes, como por exemplo, nos comentários tecidos diante das ocorrências. Um dos exemplos que podemos ilustrar é ao narrar uma prisão por tráfico de drogas, onde polícia militar encontrou grande quantidade de giz junto a papérolotes de cocaína, o policial/apresentador relata: *“Excelente ocorrência. Parabéns aos militares. E cabe aqui uma reflexão. Foi localizado dentre esse material, grande porção de giz. Giz! É isso que o povo tá comprando? Cheirando? Cabe aqui uma reflexão né. Acha que tá cheirando cocaína, na verdade, tá sendo enganado até mesmo pelo gabiru, o traficante”*.

O posicionamento do locutor demonstra que o *ethos policial militar* acaba se sobressaindo ao *ethos jornalístico* a partir do momento em que, para além do relato da ocorrência – muitas vezes feita pela leitura do texto do B.O – é inevitável que o militar deixe de se posicionar mesmo em situações como estas relatadas. Importante ressaltar também outra questão crucial: se por um lado compete ao jornalista ouvir todos os lados de um fato, não é o que se observa nesse quadro da programação.

Ali a única voz presente é a do relato da ocorrência, feito pelo policial a partir da versão de quem acionou a força de segurança. Não há contraditório, não há questionamento. A história de um dos lados é colocada como a versão correta dos fatos, e o ouvinte, do outro lado do rádio, cabe apenas ouvir passivamente a história de acordo com a visão de quem o conta.

Algo semelhante ocorre na Rádio 102FM, no programa Raio-X. Tendo o seu plantão policial apresentado pelo sargento Cleuder Nunes, encontramos posicionamentos parecidos por parte da outra emissora. Como, por exemplo, na seguinte informação prestada pelo apresentador/policial na edição do dia 29 de janeiro de 2018:

*“Nas últimas vinte e quatro horas tivemos menos ocorrências, mas, mesmo assim, muita coisa. Tivemos aí roubo em bar, porte ilegal de arma, recepção e localização de veículo, veículo aí também localizado em Planura, tráfico e uso de drogas, furtos em residência, furto de gado ocorrido na nossa região. E já para dar início aí, vou passar para a primeira do dia aí, que foi um roubo em um bar, um*

---

*estabelecimento comercial, na cidade de Frutal. Ocorreu ali no dia 28, por volta das 17h30, na rua Nova Ponte, 175, no bairro Progresso. As vítimas, Marciano Jesus Assunção, 32 anos; Antônio Brito, de 50 anos, Gilmar Antonio da Mata, de 63 anos, Cleber Menezes Ribeiro, de 56 anos, que eram clientes do estabelecimento, e o Jader Gomes de Assunção, de 63 anos de idade, que é o proprietário desse estabelecimento comercial, que é um bar. As vítimas relataram que encontravam-se ali nesse local, denominado bar do Pardal, momento em que chegou um cidadão de cor parda, trajando bermuda e camiseta de cor azul, com uma camiseta amarela, cobrindo o rosto. Tal indivíduo teria chegado ao local em um veículo, uma bicicleta, e estava de posse de arma que aparentava ser uma pistola, de cor preta, teria anunciado o roubo, levado das vítimas aí os seguintes objetos: smartphones e trezentos e cinquenta reais dos clientes. Do estabelecimento propriamente dito foram levado oitenta reais em dinheiro. Após o fato o meliante evadiu-se aí tomando sentido bairro Vila Esperança. A Polícia Militar fez intenso rastreamento mas, infelizmente, até o encerramento, não teve localização deste autor”.*

Apresenta-se mais uma vez o relato do boletim de ocorrência e sobressai-se mais o posicionamento do locutor enquanto policial do que como apresentador, deixando os preceitos do jornalismo em segundo plano.

No que tange à personagem adotada na construção do discurso, os policiais tentam aproximações com o ouvinte a partir do uso de expressões do cotidiano não só do meio policial, mas também das gírias e linguajar que fazem parte do dia a dia da população. Se cabo Lélío aparece com o se “*bênção mãe*”, Sargento Cleuder encerra a sua participação diária na programação com a frase: “*Se você não quer aparecer, é só não deixar acontecer*”.

Os bordões acabam por fazer parte do quadro policial e o que se observa em ambas as emissoras é o fato de que há uma única voz presente nestas notícias: a do policial que ali assume o papel de mediador da informação. Essa presença reforçada dos policiais nas duas emissoras. E ambos se apresentam nas transmissões como aqueles que detém o conhecimento necessário para manter a paz social utilizando, por diversas vezes em suas falas, expressões como “*cidadãos de bem*” ou “*pessoas de bem*”, como observarmos na fala de despedida do sargento Cleuder Nunes: “*amanhã estaremos de volta aqui com o compromisso com a população e a sociedade de bem, às onze horas da manhã, trazendo as informações dos trabalhos das operações da Polícia Militar em relação as próximas vinte e quatro horas*”.

---

O direcionamento da fala, somado ao “quem fala”, provoca no ouvinte a sensação de divisão da comunidade de Frutal a partir do relato das ocorrências: aqueles que ali são mencionados são considerados como “marginalizados” em relação aos demais membros da sociedade, que seria composta apenas pelas pessoas “de bem”. Em síntese: se o seu nome apareceu envolvido em uma ocorrência policial, independente de qual seja a natureza, é sinal de que aquela pessoa está perturbando o “cidadão” de bem e, portanto, deve ser exposta midiaticamente para que todos saibam quem são essas pessoas.

### **Considerações Finais**

Temos demonstrado ao longo do texto a importância de se debater o jornalismo policial diante de uma perspectiva em que, no caso em estudo, se demonstra de certa forma peculiar: as notícias que vão ao ar nos programas de radiojornalismo deixam de ser mediadas por um profissional da área e passam a ser mediadas por um policial militar. O “quem” desta fala já nos dá indícios suficientes para compreender como sua postura deve se revelar neste momento e, conforme o que destacamos, por mais que naquele momento estejam assumindo o papel de apresentadores/jornalistas, os dois personagens não conseguem se desvencilhar de sua profissão primeira, que é a de policial militar.

Desta forma, há de se compreender que o jornalismo praticado pelas emissoras durante o noticiário policial deixa de assumir a função do jornalismo tal como é esperada, que é a de mediar a informação, fiscalizar o poder e ajudar na compreensão do contexto do mundo, para assumir um papel que se assemelha ao de porta-voz oficial dos relatos e versões tão apenas registradas nos boletins de ocorrência. Não há uma narrativa que se possa consolidar como crônica jornalística, não há multiplicidade de vozes esperada pelo jornalismo a fim de dar luz às diversas versões envolvidas nestes fatos. Há tão somente opiniões e relatos dos policiais, somados aos textos produzidos em caráter oficial a partir do Boletim de Ocorrência, onde se encontra, via de regra, apenas a versão de quem acionou a força de segurança. Reforça-se, então, que o *ethos policial militar* sobrepõe-se ao *ethos jornalístico*, seja no que tange ao conjunto de valores da profissão, seja nas projeções discursivas adotadas por estes apresentadores/policiais.

Não há de se falar que o jornalismo praticado nesta seção policial dos programas compreenda todas as dimensões éticas, epistemológicas e deontológicas da profissão. No entanto, há de se reconhecer que, por estarem no ar diariamente sem que a programação seja trocada ou afetada, os ouvintes têm aceitado essa prática, caso contrário, queda de audiência ou de anunciantes significaria possivelmente alteração nesse formato de divulgação dos fatos policiais.

Os resultados apresentados até o momento enquadram-se no início de projeto de pesquisa em andamento, sendo que para as próximas etapas serão realizados aprofundamentos sobre as dimensões da prática jornalística no jornalismo policial local.

### Referências

- AMARAL, M. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2007.
- ARAÚJO, A. et. All. **A história da imprensa de Frutal: um passado presente**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Minas Gerais- Unidade de Frutal. Frutal, 2012.
- CORREIA, J. **O ethos jornalístico: da técnica à reflexão crítica**. Revista Verso e Reverso, Volume 23, número 54, edição de março de 2009. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/5768/2987>>. Último acesso: 02 de fevereiro de 2018 às 14:45.
- CRUZ, L. **Ethos do jornalismo no século 21: modelo de negócio, profissão e gênero**. Revista Tropos, Volume 5, número 1, edição de julho de 2016.
- DIOGENES, J. **Ethos policial militar: entre a estrutura da PM e a ação dos seus agentes**. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011.
- FUCCIA, E. **Reportagem Policial: um jornalismo peculiar**. Santos: Editora Realejo, 2008.
- MATHEUS, Lucia. **Narrativas do Medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo**. Rio de Janeiro: MauadX, 2011.
- RAMOS, R. **Os sensacionalismos do sensacionalismo: uma leitura dos discursos midiáticos**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.
- REGINATO, G. **As finalidades do jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores**. Tese de doutorado defendida junto ao PPG-COM da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.